

COMO OS JOVENS UNIVERSITÁRIOS ENXERGAM OS IDOSOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL?¹

Renata Teles Silva²
Luís Paulo Carvalho Piassi³

Resumo: A Banca da Ciência é um projeto interdisciplinar da USP de intervenções não-formais de difusão dialógica crítica da Ciência para todos os públicos. Contudo, seus/as mediadores/as carecem de formação acadêmica na área de acessibilidade e inclusão para pessoas com deficiência. Nesse âmbito, surgem as seguintes questões: há barreiras atitudinais por parte dos/as mediadores/as da BC na difusão científica para idosos com deficiência visual? Qual a percepção dos/as mediadores/as sobre esse público? Para responder estas questões, este artigo visa refletir acerca da percepção de jovens universitários que atuam no projeto BC para a inclusão de idosos cegos ou com baixa visão em suas intervenções.

Palavras-chave: Jovens universitários. Pessoas com deficiência visual. Acessibilidade atitudinal. Inclusão.

How do college students see the visually impaired?

Abstract: The Stand of Science is an interdisciplinary project of the University of São Paulo of non-formal interventions of critical dialogical diffusion Science for all audiences. However, their mediators lack academic training in the area of accessibility and inclusion for people with disabilities. In this context, the following questions arise: are there attitudinal barriers on the part of CB mediators in the scientific diffusion for the visually impaired elderly? What is the perception of the mediators about this audience? To answer these questions, this article aims to reflect on the perception of university students who work in the BC project to include blind or low vision elderly in their interventions.

Keywords: College students. People with visual impairment. Attitudinal accessibility. Inclusion.

¹ Este artigo foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, e submetido ao Comitê de Ética da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, estando cadastrado na Plataforma Brasil.

² Universidade de São Paulo (teles.rts@gmail.com)

³ Universidade de São Paulo (lpipiassi@usp.br)

DIÁLOGOS INICIAIS

Historicamente, a sociedade tem procriado, preservado e consolidado as barreiras atitudinais contra as pessoas idosas e/ou com deficiência. É possível constatar que a invisibilidade, discriminação e negação de direitos são fatos identificados em inúmeras circunstâncias da vida em sociedade (MELLO; COSTA, 1995; FIGUEIRA, 2008; ALMEIDA, 2014), principalmente no acesso às práticas e conhecimentos científicos que, além de serem escassos no Brasil e possuir custos elevados e dispositivos sofisticados que distanciam da realidade brasileira, é visível a segmentação dessa área de acordo com o sexo, gênero, raça, classe, etnia e impedimentos físicos, mentais, intelectuais e/ou sensoriais das pessoas.

Para a doutora em Educação, Margareth Diniz (2012), a palavra *deficiente* tem um significado muito forte, ela se opõe à palavra *eficiente*. “Ser deficiente é não ser ‘capaz’, não ser ‘eficaz’” (DINIZ, 2012, p.52). Contudo, essa percepção da sociedade não seria porque há muitas barreiras na interação das pessoas com deficiência e o meio onde elas estão inseridas?

Baseando-se no artigo 4º da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, a qual prevê que “toda pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas” (BRASIL, 2015), e nos princípios da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência da Organização das Nações Unidas (ONU), com destaque para “o respeito pela dignidade inerente, a plena e efetiva participação e inclusão na sociedade, a igualdade de oportunidades e a acessibilidade” (BRASIL, 2009, art. 3º), este artigo visa refletir acerca da percepção de jovens universitários que atuam no projeto Banca da Ciência (BC) para a inclusão de idosos cegos ou com baixa visão em suas intervenções, visto que o processo de envelhecimento da população brasileira vem sendo enfatizado (RAMOS, 1987) e a igualdade de oportunidade não pode ser confundida com a igualdade de tratamento.

No último censo do IBGE, em 2010, o percentual de pessoas idosas no Brasil era cerca de 10,8% do total da população, correspondendo a aproximadamente 20 milhões de pessoas com 60 anos ou mais. O déficit visual leva a diminuição na qualidade de vida dos idosos, estando associado à maiores taxas de suicídio nessa população (FILHO et al, 2012).

A Banca da Ciência é projeto interdisciplinar de comunicação dialógica e crítica que trabalha com a difusão científica como projeto público e popular no campo do não-formal para tentar tornar a Ciência acessível a todos os públicos. Para a formulação das intervenções, há uma equipe interdisciplinar de



mediadores composta por estudantes de graduação dos cursos oferecidos pela EACH/USP, sendo que nenhum desses cursos possuem disciplinas obrigatórias ou optativas em sua matriz curricular sobre acessibilidade, educação inclusiva ou inclusão de pessoas com deficiência.⁴

Pessoa com deficiência, neste artigo, é compreendida a partir de uma concepção social e não considerando como algo intrínseco à pessoa:

Pessoas com deficiência são aquelas que têm impedimentos de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades de condições com as demais pessoas (ONU, 2006, Art.1).

Esta definição foi adotada na legislação brasileira a partir de 2009, o que revela um posicionamento ideológico na perspectiva ecológica no ordenamento jurídico brasileiro. Entende-se que se integrou nos aspectos ambientais a compreensão da deficiência, ao passo que se supõe que os aspectos biológicos não são os únicos decisivos dessa condição, posto que o ambiente em que a pessoa está inserida pode potencializar ou reduzir as limitações funcionais ocasionadas por uma deficiência.

Nessa perspectiva, há barreiras atitudinais por parte dos/as mediadores/as da Banca da Ciência na difusão científica para os/as idosos/as com deficiência visual? Qual a percepção que esses/as mediadores/as têm sobre as pessoas com deficiência visual? Colocando-os frente à uma situação concreta envolvendo pessoas cegas, suas percepções mudam de alguma maneira?

A primeira hipótese é que os/as mediadores/as, mesmo demonstrando interesse na inclusão das pessoas com deficiência visual, permanecem com atitudes preconceituosas e estereotipadas. A segunda hipótese é que os/as mediadores reduzem a deficiência à questão do sentido. E, por fim, a terceira hipótese é que a percepção dos/as mediadores/as muda depois do contato com as pessoas com deficiência visual.

Consideramos que pesquisas acerca dessa temática não são relegadas a públicos específicos, mas válidas no relacionamento com todas as pessoas, agregando conhecimento, contribuindo para o entendimento desse processo e

⁴Cursos oferecidos pela EACH/USP e suas respectivas grades de disciplinas. Disponível em: <<http://each.uspnet.usp.br/site/graduacao-cursos.php>>.

facilitando quaisquer ações futuras pró-acessibilidade. Além disso, supomos que tenha bastante aderência no âmbito acadêmico, o que julgamos uma forma positiva de progresso.



A SOCIEDADE, A PESSOA COM DEFICIÊNCIA E A ACESSIBILIDADE

Segundo Lima (2004, p.09-10), a sociedade demonstrou basicamente três atitudes distintas perante às pessoas com deficiência:

[...] inicialmente, seguindo a seleção biológica dos espartanos, ela demonstrou menosprezar, eliminar/destruir todas as crianças malformadas ou deficientes [...] Posteriormente, numa atitude reativa, provinda da proteção e assistencialismo do Cristianismo, evidenciou-se um conformismo piedoso; e, em seguida, já na Idade Média, o comportamento da sociedade caracterizou-se pela segregação e marginalização da pessoa com deficiência, operadas pelos ‘exorcistas’ e ‘esconjuradores’ da época, os quais acreditavam que as pessoas com deficiência faziam parte de crenças demoníacas, supersticiosas e sobrenaturais.

Isto é, a existência de barreiras à inclusão social das pessoas com deficiência é um fato atual com ramificações históricas. De acordo com SASSAKI (2003), a sociedade passou por três fases conceituais até alcançar o modelo de Inclusão Social adotado atualmente. Sasaki cita a exclusão, mas objetivamente nós temos a Roda dos expostos no Brasil²; não temos uma prática de extermínio. Excluídos socialmente, na primeira fase não era oferecido programas objetivando atender as pessoas com deficiência e a sociedade as baniam do convívio social, rejeitando seus direitos básicos. No segundo momento, as pessoas com deficiência eram segregadas, ou seja, surgiram escolas especiais fechadas em instituições especializadas. Na terceira fase, as pessoas com deficiência eram integradas no convívio social, isto é, por conta própria, elas precisavam se adequar às exigências da sociedade, sem que esta, contudo, fizesse um movimento de autotransformação para acolher aquelas pessoas.

A partir desse contexto histórico sobre as pessoas com deficiência é que muitas barreiras atitudinais foram construídas e consolidadas, podendo

²A roda da Irmandade de São Paulo iniciou em 1876 e durou até 1950. Disponível em: <<http://www.santacasasp.org.br/portal/site/quemsomos/museu/pub/10956/a-roda-dos-expostos-1825-1961>>.

serencontradas nos dias atuais, nos mais diversos ambientes sociais e sob variadas formas, dentre elas na própria comunicação.



Estando presentes na comunicação, as barreiras atitudinais podem levar à total exclusão de uma pessoa com deficiência no meio social. Segundo Dischinger& Machado (2006, p.36) “as barreiras atitudinais são aquelas estabelecidas na esfera social, em que as relações humanas centram-se nas restrições dos indivíduos e não em suas habilidades”.

O mesmo autor considera a acessibilidade um amálgama entre arquitetura, atitude, comunicação, instrumento, metodologia e programação. Segundo Sasaki (2009) todos esses itens são importantes e complementares entre si e os explica da seguinte maneira: (1) acessibilidade arquitetônica como a supressão dos impedimentos físicos que dificultam o acesso aos ambientais; (b) acessibilidade atitudinal como a supressão de atitudes preconceituosas, estigmatizantes, estereotipadas e discriminatórias; (c) acessibilidade comunicacional, já citada, sendo a supressão dos impedimentos de comunicação interpessoal, escrita e virtual; (d) acessibilidade instrumental a supressão dos impedimentos nos instrumentos, utensílios e ferramentas pedagógicas; (e) acessibilidade metodológica a supressão dos impedimentos nos métodos pedagógicos e técnicas de estudos; e, (f) acessibilidade programática como a supressão dos impedimentos ocultos em políticas públicas.

Percebe-se que a acessibilidade é algo complexo e, para ser efetiva na sociedade, precisa estar na formação em todas as áreas do conhecimento.

O PROJETO BANCA DA CIÊNCIA

A Banca da Ciência, ela é um projeto interdisciplinar de comunicação dialógica e crítica, através de intervenções com materiais de baixo custo, para todas as faixas etárias em espaço educativo escolar e não-escolar, que tem como característica a abordagem lúdica de temas científicos em conexão com grupos relacionados às manifestações artístico-culturais e temas sociais que, por mediação de estudantes de graduação sob a orientação de mestrandos, doutorandos e profissionais da educação dos espaços que atua, trabalha para tentar tornar a Ciência acessível a todos os públicos.

O projeto foi criado em 2008 por professores da Universidade de São Paulo (USP) e Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e atualmente conta com o apoio e financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da USP e Fundação Maria Cecília Souto Vidigal.

Atualmente, a Banca da Ciência está inserida na EACH/USP, UNIFESP Boituva, UNIFESP Diadema e UNIFESP Guarulhos e faz intervenções em Escolas Estaduais de São Paulo, Escolas Municipais de Guarulhos e São Paulo, um Centro para Crianças e Adolescentes (CCA) – serviço conveniado à Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS) –, e faz apresentações em eventos/congressos científicos, espaços não-escolares, como estações da CPTM, na “EACH Portas Abertas” (visita de escolas estaduais no campus) e nos demais polos sob agendamento. Vale ressaltar que este artigo analisa apenas o polo da EACH/USP, contando com cinco mediadoras e dois mediadores.

PROCESSO METODOLÓGICO E CONTEXTO DA PESQUISA

Apresentando uma abordagem qualitativa, uma vez que se valorizou o contato direto e prolongado da pesquisadora com ambiente que foi estudado, o procedimento metodológico foi uma tarefa complexa, que demandou a incursão em diferentes áreas e a experimentação de diferentes percursos ao longo da investigação, até encontrar o caminho que culminou na metodologia que será apresentada a seguir (GODOY, 1995).

Esta pesquisa se caracterizou sob a linha pesquisa participante (BRANDÃO, 2001; BRANDÃO; BORGES, 2007), ao passo que ela tende a ser concebida como um instrumento, um método de ação científica de um trabalho popular de dimensão pedagógica e política, como é o caso da Banca da Ciência que tem dimensão pedagógica e visa tornar acessível as práticas e conhecimentos científicos para a população em geral, notadamente a periférica, realizando intervenções que conversam com o contexto social do público.

Diferente da pesquisa-ação, ações planejadas nem sempre se encontra em propostas de pesquisa participante (FELCHER et al, 2017), no entanto, por ser uma pesquisa cujo procedimento metodológico é complexo, achamos necessário planejá-la. Portanto, esta pesquisa se organizou em uma sistemática que envolve quatro etapas nomeadas por nós da seguinte maneira: (1)

Conhecer; (2) Formar; (3) Agir; e, (4) Analisar. Os dados coletados ocorreram no primeiro e segundo semestre de 2017.

t.

Na primeira etapa, “Conhecer”, se utilizou da técnica de grupos focais (GONDIM, 2003) a fim de entender os conhecimentos dos/as mediadores/as da BC sobre a temática da pesquisa. Para finalizar este segmento, os/as mediadores/as visitaram à Sociedade Assistencial para Cegos Nossa Senhora da Guia (SACNSG), localizada no bairro Itaim Paulista, periferia do Município de São Paulo, para explorar o espaço, dialogar com os/as idosos/as com deficiência visual e com os profissionais da associação (Figura 1).

Figura 1 - Visita à SACNSG



Fonte: Arquivo pessoal.

Descrição da figura 1: Há sete pessoas sentadas em uma sala conversando. No centro da imagem, há um sofá e nele estão sentados uma senhora e um senhor, ambos cegos. A senhora tem pele clara, possui cabelos brancos e está segurando na mão direita um copo e na esquerda um salgado. Ela olha para o senhor ao seu lado que está falando. Ele tem pele bronzeada e cabelo grisalho. Ele está com o cotovelo esquerdo no apoio de braço do sofá. As demais pessoas à direita e à esquerda da imagem estão sentadas em cadeiras prestando atenção no que este idoso fala: duas senhoras e um mediador. Uma senhora tem pele clara, cabelos brancos e está segurando as suas mãos; a segunda tem pele clara, cabelos tingidos e está segurando um copo; e, o mediador tem pele morena, cabelos escuros e está com o corpo inclinado para o sofá. À direita da foto há duas mediadoras: a primeira, morena de cabelos escuros, está segurando um copo, a segunda, japonesa, está segurando uma embalagem de biscoitos.

A segunda etapa, “Formar”, envolveu a formação dos/as mediadores/as. Foram realizadas uma roda de conversa com Liliane Garcez (2004) – atualmente gerente de programas do Instituto Rodrigo Mendes⁶, coordenadora do projeto Diversa presencial⁷ e consultora do projeto para elaboração da Política de Educação Especial orientada para Inclusão Educacional de Angola –, e oficina teórico-prática, a fim de proporcionar uma experiência perceptiva (MASINI, 2003) (Figura 2 e 3), e foi observado como os/as mediadores/as formularam as intervenções acessíveis.

Figura 2 – Mediadores/as assistindo um filme com audiodescrição



Fonte: Arquivo pessoal.

Descrição da figura 2: Há cinco mediadoras e três mediadores da BC com os olhos vendados sentados em cadeiras estofadas assistindo um filme com audiodescrição.

⁶O Instituto Rodrigo Mendes (IRM), fundado em 1994 na cidade de São Paulo pelo Rodrigo Hübner Mendes, é uma organização sem fins lucrativos com a missão de colaborar para que toda pessoa com deficiência tenha uma educação de qualidade na escola comum. Disponível em: <<https://institutorodrigomendes.org.br/>>.

⁷O DIVERSA presencial oferece formação em serviço a profissionais envolvidos com o processo de escolarização de estudantes público-alvo da educação especial – estudantes com deficiência, transtornos do espectro autista e altas habilidades/superdotação – em escolas comuns. Por meio de parcerias com secretarias municipais de educação tem como objetivo contribuir na ampliação de conhecimentos sobre a educação inclusiva, a partir de situações reais e desafiadoras escolhidas pelos participantes. Disponível em: <<http://diversa.org.br/>>.

Figura 3 - Mediadoras se locomovendo/ guiando nos pisos táteis na EACH



Fonte: Arquivo pessoal.

Descrição da imagem 3: Mediadora sem venda auxilia a mediadora com vendas a andar pelo piso tátil.

Na terceira etapa do processo, “Agir”, ocorreram as intervenções que foram monitoradas pela pesquisadora: raciocínio através dos jogos lógicos (Figura 4); Sistema Solar por intermédio de maquete tátil-visual (Figura 5); meio ambiente por meio de músicas; e, Botânica (Figura 6).

Figuras 4 - Intervenção raciocínio através dos jogos lógicos



Fonte: Arquivo pessoal.

Descrição da figura 4: Fotografia em uma sala de estar. Na parte central da foto, está um senhor com baixa visão sentado em um degrau jogando Blocos de Encaixe sobre um banco, e dois mediadores auxiliando-o sentados no chão, de costas para a câmera. Ao fundo, sentadas no sofá, há uma mediadora e uma idosa cega jogando Paciência de Cores com diferentes texturas.

Nesta etapa, os/as mediadores/as também opinaram sobre o desdobramento de cada intervenção; e, foram realizadas entrevistas abertas (BONI; QUARESMA, 2005) com cada um/a, focando principalmente nos/as mediadores/as que participaram de todas as etapas da pesquisa.

Figura 5 – Intervenção sobre o Sistema Solar



Fontes: Arquivo pessoal.

Descrição da figura 5: Senhor cego sorrindo com uma mão sobre as representações dos planetas feitas de isopor. Ao seu lado está um senhor com baixa visão tateando representação do planeta Júpiter feita de isopor com o auxílio de um mediador.

Figura 6 – Intervenção com plantas



Fonte: Arquivo pessoal.

Descrição da figura 6: Senhor cego sentado no sofá tateando uma Espada de São Jorge.

A quarta e última etapa corresponde à análise de todos os dados coletados durante as três primeiras etapas por meio de registros sistemáticos (filmagem com câmera fixa acoplada, sequências fotográficas e tomada de notas) e das práticas discursivas dos/as mediadores/as com referência no Construcionismo Social (GERGEN, 2009; SPINK & FREZZA, 1999; SCHWANDT, 2006) e a Análise do Discurso francesa (AD) (BRANDÃO, 2012; FREIRE, 2014).

APRESENTAÇÃO DOS/AS MEDIADORES/AS DA BC

Como pode ser observado na tabela 1, com os dados retirados do grupo focal e entrevista individual, a maioria dos/as mediadores/as estão na faixa etária dos 20 anos. A respeito de suas formações, apenas Isabela está formada em Ciências Naturais pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Dos/as seis mediadores/as restantes, três cursam Licenciatura em Ciências da Natureza, duas cursam Têxtil e Moda, e um cursa Gestão Ambiental⁸.

Tabela 1 - Características dos/as mediadores/as membros da Banda da Ciência em 2017

| Nome | Idade | Curso/Período/Instituição | Teve/tem contato com pessoa com DV | Teve/tem disciplina na graduação sobre as temáticas ⁹ | Fez/faz curso extracurricular sobre as temáticas |
|----------|-------|------------------------------------|------------------------------------|--|--|
| Camila | 18 | TXM/ 1º/ EACH | Não | Não | Não |
| Cecília | 18 | LCN/ 3º/ EACH | Sim | Sim | Não |
| Enzo | 22 | GA/ 4º/ EACH | Sim | Não | Não |
| Flávia | 20 | LCN/ 5º/ EACH | Não | Não | Não |
| Isabela* | 24 | Formada em Ciências Naturais/ UFAM | Sim | Não | Não |
| Julia | 23 | TXM/ 1º/ EACH | Não | Não | Não |
| Nicolas | 20 | LCN/ 4º/ EACH | Não | Sim | Não |

Fonte: Elaborado pela autora.

* Isabela é, além de mediadora, também coordenadora.

⁸Para garantir o sigilo e o anonimato, os nomes foram alterados.

⁹As temáticas são: acessibilidade; inclusão; educação inclusiva; altas habilidades/superdotação, transtornos globais de desenvolvimento e deficiência.

Sobre conhecer alguma pessoa com deficiência visual, ou já ter tido contato com uma, somente cinco se manifestaram. O Enzo tem um bisavô cego com 98 anos, contudo, sua convivência com ele é escassa, pois ele vive em outro estado. A Isabela já teve dois alunos cegos na época que estagiava. E a Cecília estudou com um menino cego.

No tocante a já ter tido ou cursar uma disciplina que envolve acessibilidade e/ou inclusão e/ou educação inclusiva e/ou altas habilidades/superdotação, transtornos globais de desenvolvimento e deficiência, somente a mediadora Cecília e o mediador Nicolas se manifestaram. A Cecília compartilhou que na disciplina “Fundamentos da Didática”, ela teve dinâmicas de experiências sensoriais focando no sentido visual e auditivo. Nicolas relatou a mesma disciplina, cuja professora que ministrou falou muito sobre inclusão na perspectiva de Paulo Freire, mas que nunca teve contato sobre visão ou surdez.

PRINCIPAIS RESULTADOS

Gergen (2009) atenta que, mesmo que se procure a objetividade na definição de critérios de análise, elas serão sempre restringidas pela cultura, pela história e pelo contexto social. Isto é, o processo de conhecimento acontece nas interações humanas, e não apenas pela observação. A partir dessa suposição, o conceito de verdade é questionado, dado que a “verdade” observada é resultado de uma interpretação humana, gerada em demarcado contexto. Nessa interpretação, não há um conhecimento, mas diferentes conhecimentos, posto que a mesma realidade pode ser descrita e interpretada de distintas maneiras, em função de como ela é percebida pelas pessoas ou por grupos sociais. Nessa perspectiva, as interpretações realizadas nesta dissertação não são únicas e definitivas.

Observando as entrevistas individuais dos/as mediadores/as, temos pistas de discursos que eles/as estão vivendo uma transição. Isto é, estão saindo da cegueira da caverna de não pensar na pessoa com deficiência para começar a ver as formas lá fora. Não podemos menosprezar isso, pois é um processo conquistado através da dinâmica da pesquisa de mestrado da autora.

A mediadora Camila se mostrou uma pessoa tímida e indiferente às questões relacionadas com as pessoas cegas ou com baixa visão. Nas reuniões, verificou-se que ela pouco falava, todavia, de acordo com ela, na hora de apresentar a Banca ela acha que consegue se expor bastante, a questão então é expor sua opinião e/ou conhecimento sobre atividades acessíveis para pessoas

com deficiência visual para os/as demais mediadores/as. Essa constatação pode ser confirmada em sua fala a seguir: “[...] Eu não discutia porque não era um assunto próximo a mim, era uma realidade muito distante” (Transcrição da entrevista).

Ao ser questionada se uma pessoa com deficiência visual poderia exercer as mesmas atividades que ela exerce na universidade, ela imediatamente replica que não:

Com certeza não, porque depois de todo o projeto da Banca, eu percebo que quase nada ela poderia fazer sozinha. Ela teria que ter uma ajuda para andar, porque os pisos não são bons. Nos esportes, ninguém está acostumado, ninguém sabe lidar com alguma pessoa que tem algum tipo de deficiência. E nos projetos, a não ser os projetos muito muito focados, mas eles não seriam os participantes, os realizadores dos projetos, eles seriam mais pessoas usadas para pesquisa, ao invés de promotores da pesquisa (Transcrição da entrevista).

Ela tem uma visão que limita as pessoas com deficiência, pois, as coloca como cobaias de pesquisa, e não como protagonistas, pessoas capazes de realizar pesquisas ou qualquer outra atividade dentro da universidade.

No entanto, admite não saber lidar muito bem com as pessoas com deficiência visual. Ela relata que já estudou com duas pessoas com Síndrome de Down, mas não interagiu com elas e hoje percebe como isso foi ruim. Camila acredita que o projeto Banca da Ciência precisa trabalhar mais com pessoas cegas ou com baixa visão e com todos os tipos de deficiência para que os/as mediadores/as saibam lidar e se comunicar esse público.

No dia da visita à Sociedade Assistencial para Cegos Nossa Senhora da Guia, quase todos os/as mediadores/as cancelaram a presença minutos antes do horário combinado com a pesquisadora. A Cecília enviou uma mensagem de texto para a mesma avisando que se atrasaria por alguns instantes, acrescentando que era para a pesquisadora participante ter paciência e não desistir da pesquisa em razão da relutância dos/as demais mediadores/as. Esta mediadora se mostrou uma pessoa participativa e comprometida em ajudar a melhorar o seu contexto social e mostrar a importância da pesquisa para os/as demais mediadores/as quando eles/as resistiram a ir visitar a SACNSG.

Parte dos/as mediadores desistindo de conhecer o lar de idosos, próximo do horário marcado para o encontro, é importante. Isso nos fala muito, visto

que a condição de deficiência está apagada para todos nós porque não a olhamos. No momento em que você olha um idoso, ele apresenta dois elementos importantes: i. A idade – que já faz a perda da visão, ou perda da funcionalidade orgânica; e, ii. Suas condições – glaucoma, diabetes, cataratas e etc.

É preciso ressaltar que, primeiro, os jovens não estão preparados para lidar com os velhos no nosso país. Olhar para o velho é olhar para aquilo que está no seu futuro que você não quer olhar. Velho, cego e abandonado? Qual jovem entre 18 e 22 anos de idade vai querer vivenciar esta situação? Talvez muitos cancelaram a visita, porque eles/as estão olhando tudo o que pode estar no futuro deles/as. Nas entrevistas, foi possível constatar que os/as mediadores falavam com medo, medo de encarar o que está à frente deles/as.

Voltando às considerações acerca da mediadora Cecília, ela não apenas estudou com um menino com baixa visão, como, além de ter um olhar clínico para analisar as falhas do seu processo educativo ao longo do tempo, percebeu ele enquanto pessoa que necessita de uma autonomia nas funções cotidianas. Ela critica que a licenciatura não se preocupa com a questão da inclusão e acessibilidade para pessoa com deficiência, contudo, para Cecília, uma pessoa cega não conseguiria realizar as mesmas funções que ela desempenha na faculdade, evidenciando o campo da pesquisa. Para ela, só seria viável nas atividades corporais, justificando a falta de acessibilidade nos projetos e a limitação do espaço para as aulas:

Não, principalmente no campo de pesquisa. Por exemplo, Marketing é muito visual [...] A AIESEC, por exemplo, é uma ONG, maior organização jovem do mundo que trabalham, por exemplo, com intercambistas para programas sociais. Eu acho que também não daria certo, pois eles não têm esse tipo de acessibilidade. Projeto de pesquisa com Biologia tampouco, eu não vejo, não esse tipo de Biologia a nível molecular, eu acho que não. Olha, dos projetos assim que eu já me envolvi, eu acredito que não. Aula também não, pois o espaço é muito limitado (Transcrição da entrevista).

Sem embargo, ela percebe que o projeto Banca da Ciência utiliza de muitos recursos visuais para atrair a atenção do público, principalmente o experimento com o fogo. Para Cecília, os/as mediadores/as precisarão aprender a atuar e a se reinventar para estimular os demais sentidos e chamar a atenção de outra maneira, visto que para as crianças – público que ela considera mais

desafiador - é muito visual, pois elas gostam de cores, animações e objetos grandes.



O mediador Enzo se apresentou ser um rapaz tímido, prestativo, participativo e engajado na inclusão das pessoas com deficiência visual no projeto BC. Não obstante, ao ser questionado se uma pessoa cega poderia realizar as mesmas atividades que ele, Enzo pondera que não, utilizando em sua argumentação o termo “pessoa com incapacidade visual” seis vezes, “incapacidade visual” uma vez e “incapacidade” uma vez, totalizando oito vezes o emprego da palavra “incapacidade”.

A princípio, uma possível interpretação é que o mediador Enzo considera as pessoas com deficiência visual incapazes de realizar muitas atividades. Mas, ao conviver com ele no grupo, suas atitudes não condizem com isto. Ao longo do semestre, a pesquisadora participante dialogou sobre terminologias corretas e sempre citava “pessoas com deficiência”, mas talvez ele não a incorporou. Giroux (1997) diz que linguagem escolhida revela ideologias que a pessoa pode nem estar consciente, mas falante é competente na língua e mesmo sem que perceba, ela propaga algo que, no fundo, acredita. Contudo, é difícil de analisar isso.

Em uma questão sobre a atuação da Banca da Ciência com pessoas com deficiência de diferentes faixas etárias, Enzo afirma que é preciso trabalhar com experimentos estimulando todos os sentidos, além da visão, cita alguns e compreende que é importante mesclar as áreas do conhecimento e não segmentar. Ele acredita que preciso mais organização para formular as intervenções com tempo disponível para que ela seja mais elaborada.

A mediadora Flávia esteve presente em muitas etapas da pesquisa, mas pouco participou das discussões, demonstrando interesse apenas nas pessoas com deficiência auditiva. Flávia demonstrou ser uma pessoa observadora, porém, quando enunciava algo, era uma piada, algo para fazer os demais rirem. Ela disse que não gosta que as pessoas a levem a sério.

Para esta mediadora, uma pessoa com deficiência visual poderia exercer as mesmas atividades que ela exerce na universidade, contanto que haja uma flexibilização curricular. Para Flávia, uma pessoa com deficiência visual poderia exercer as mesmas atividades que ela exerce na universidade, contanto que haja uma flexibilização curricular: “[...] se tiver um currículo adaptado para elas dentro da universidade, acho que sim. Na Banca da Ciência também, teria que adaptar muitas coisas” (Transcrição da entrevista). Ela também acredita que a

dificuldade é desenvolver uma atividade e não atingir o público alvo. Para Flávia, “cada pessoa é única” (Transcrição da entrevista).



A mediadora e coordenadora Isabela apresenta ser uma pessoa crítica, que quer mudar a realidade social e que se auto cobra para ser uma professora melhor. Para ela, uma pessoa com deficiência visual poderia exercer as mesmas atividades que ela realiza na Banca da Ciência, mas, ela acredita que os/as mediadores/as aprenderiam muito mais com a pessoa cega ou com baixa visão do que o contrário, visto que eles/as não estão preparados para receber uma pessoa cega:

Eu acho que sim, dá para exercer, mas a gente não está preparada para receber. Então tem muita coisa que a gente... não é a gente, eu acho que se essa pessoa vem trabalhar, eu acho que seria um aprendizado mais para a gente, do que para a pessoa, porque a gente não está acostumada a lidar com um público diferente. Quando eu dei aula para os dois alunos cegos, para mim, eu estava aprendendo muito mais com eles do que eles estavam aprendendo ciência, porque eu comecei a ver que o meu trabalho tem que chegar para todo mundo (Transcrição da entrevista).

Entretanto, Isabela se contradiz ao diz que já superamos a resistência/dificuldade em incluir as pessoas com deficiência visual nas intervenções. Ela acredita que é importante ter uma diversidade de pessoas com e sem deficiência no projeto Banca da Ciência, mas ela não vê na área de Ciências pessoas cegas ou com baixa visão trabalhando com Ciência. Para ela: “é mais a gente [pessoas sem deficiência] fazendo para eles [pessoas com deficiência visual] do que eles fazendo para eles” (Transcrição da entrevista).

Ao ser questionada dos possíveis obstáculos que nós, a Banca da Ciência, podemos enfrentar ao atuar com pessoas com deficiência visual de diferentes idades, ela fala que sempre encontraremos coisas novas e fim de serem solucionadas, assim, sempre surgirão dificuldades, não obstante, felizmente agora o grupo apresenta uma postura diferente perante à superação de sair da zona de conforto e lidar com a diferença.

A mediadora Julia se mostrou interessada nos assuntos discutidos ao longo do semestre, sempre tentando tirar dúvidas e engajada em assuntos sociais, sem objetivo de lucro ou vantagem pessoal. Segundo Julia, uma pessoa com deficiência visual pode exercer os mesmos ofícios que ela realiza, não importando o impedimento que uma pessoa tenha, contanto que se tenha predisposição para o que almeja realizar, ela pode fazer o que desejar.

A mediadora Julia considera que atuar com todas as faixas etárias de pessoas com deficiência visual vai ser um obstáculo, desafiador, mas que irá gerar grandes aprendizados, porque para esse público, não basta apenas não desenvolver bem uma intervenção e utilizar o foguete de garrafa pet como plano A, visto que essa intervenção é bastante visual.

A mediadora Julia considera que atuar com todas as faixas etárias de pessoas com deficiência visual vai ser um aprendizado e desafiador, porque para esse público, não basta apenas não desenvolver bem uma intervenção e utilizar o foguete de garrafa pet como plano A, visto que essa intervenção é bastante visual:

Eu acho que para nós integrantes da Banca, vai ser realmente um aprendizado, porque a gente vai ter que tentar se colocar no lugar da pessoa e tentar entender a maneira como elas enxergam o mundo. Então, não é simplesmente você pegar um foguete que a gente tem na Banca, porque muitas vezes salva a gente, porque a gente sabe que as pessoas adoram brincar com o foguete e não, a gente vai ter que passar a enxergar todos os experimentos que a gente já tem na Banca sob outra perspectiva. Como que vai ser? Como que a gente traz a emoção do foguete ou daquela brincadeira para uma pessoa que não enxerga o foguete subindo? Uma pessoa que vai trabalhar mais com a audição, por exemplo. Acho que vai ser um obstáculo para a Banca, mas acredito que a gente tem uma equipe muito legal, muito forte quando está ali para trabalhar, faz coisas sensacionais e com muito carinho (Transcrição da entrevista).

Julia acredita que a Banca da Ciência tem capacidade de conseguir superar as adversidades e agregar pessoas com diferentes deficiências. Para ela, é preciso deixar que a Banca consiga abranger qualquer público.

E, por fim, o mediador Nicolas se mostrou ser um rapaz analítico, comunicativo e prestativo nas intervenções. Nicolas tem uma rotina ativa enquanto está na faculdade, participando não apenas das aulas, mas projetos com focos diferenciados. Ao ser indagado se as pessoas com deficiência visual poderiam exercer as mesmas atividades que ele, ele diz que sim, contudo, necessitaria de acessibilidade, pois o problema não é das pessoas com deficiência visual, mas do meio para com elas.

Com relação a sua formação, Nicolas declara que atuar com as pessoas cegas ou com baixa visão fez mudar sua percepção a respeito de como incluir esse público:

É uma coisa que mudou, né? Porque agora a gente pensa em como fazer aquilo de forma diferente que possa ser mudado no futuro, porque querendo ou não, a gente vai fazer aquilo para pessoa sem deficiência num primeiro momento e aí você pensa numa forma de adaptar, como foi o caso do sistema Solar em escala, que colocamos algodão, essas coisas. No caso não deu muito certo, mas é legal usar o tato com eles (Transcrição da entrevista).

Para que a Banca da Ciência continue a atuar com as pessoas cegas ou com baixa visão, Nicolas considera ser necessário melhorar o modo de se aparentar e de se comunicar. Para ele, os/as mediadores/as precisam de formação antecipada.

Compreendemos que estes jovens se encontram estrangeiros dentro deste espaço. Estrangeiros no sentido de pisar num território desconhecido, de não terem certezas de suas ações, de medos compartilhados e de dúvidas constantes.

Há discursos de alguns jovens que subestimam a capacidade das pessoas com deficiência visual. Pode ser que, na hora que eles/as dizem: “não, o cego não vai conseguir”. Eles/as estejam fazendo uma resposta automática daquilo que sempre mamaram desde o seio materno. Não é uma questão da pessoa isolada. Não podemos pessoalizar isso de uma forma extrema, pois isso é fruto de um processo educacional. As pessoas não sabem a diferença entre um cego e uma pessoa com baixa visão; as pessoas não sabem a terminologia correta para se direcionar às pessoas com deficiência; as pessoas não têm conhecimento sobre a área da educação inclusiva, tampouco sabe a sua diferença com a educação especial. Essas são questões importantes e estão presentes nos discursos. Isso é algo cultural e podemos mudar?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Questionamo-nos se há barreiras atitudinais por parte dos/as mediadores/as da Banca da Ciência na difusão científica para os/as idosos/as com deficiência visual, qual seria a percepção que deles/as sobre as pessoas com deficiência visual e se colocando-os frente à uma situação concreta envolvendo pessoas cegas, suas percepções mudam de alguma maneira. A partir destas perguntas, visamos refletir acerca da percepção de jovens universitários que atuam no projeto BC para a inclusão de idosos cegos ou com baixa visão em suas intervenções.

A primeira hipótese é que os/as mediadores/as, mesmo demonstrando interesse na inclusão das pessoas com deficiência visual, permanecem com atitudes preconceituosas e estereotipadas. A segunda hipótese é que os/as mediadores reduzem a deficiência à questão do sentido. E, por fim, a terceira hipótese é que a percepção dos/as mediadores/as muda depois do contato com as pessoas com deficiência visual.

Respondendo à primeira pergunta, não é possível definir se a resposta é afirmativa ou negativa, ao passo que, por mais que alguns/as mediadores/as apresentaram atitudes estereotipadas, discriminatórias e de medo, há tentativa de aproximação com os/as idosos/as cegos ou com baixa visão. No tocante à segunda pergunta acerca das percepções dos/as mediadores/as, como já supracitado, todos/as mediadores/as definiram a deficiência visual pelo modelo médico, reduzindo a deficiência à questão do sentido e alguns/as possuem percepção fundamentada em modelo mítico sobre a deficiência visual, isto é, uma percepção histórica cultural muito sólida em deficiência como algo que limita e impossibilita as pessoas cegas de se locomoverem, de estudarem e/ou participarem ativamente de pesquisas acadêmicas. E, para responder a última questão, depois das intervenções, foi possível constatar que os/as três mediadores/as continuaram reduzindo a deficiência visual à questão do sentido, contudo, eles passaram a se perceberem como seres tateantes, o que julgamos benéfico, ao passo que a pessoa vidente não se reconhece como não vidente, melhor dizendo, não se reconhece como tateante, ouvinte, degustante e olfativo. Vemos que foi preciso a presença das pessoas cegas para o elemento tátil manifestar.

Não há como confirmar se a primeira hipótese norteadora deste estudo foi corroborada, uma vez que os/as mediadores/as, mesmo permanecendo com atitudes preconceituosas e estereotipadas, há tentativa das pessoas se aproximarem. Não podemos dizer que eles/as estão repetindo discursos apenas, pois, em muitos momentos, eles demonstraram se sentir estrangeiros dentro desse espaço e há pistas de discursos que eles/as estão vivendo em transição, saindo da cegueira da caverna para começar a ver as formas lá fora. Não tem como menosprezar esse fato! Tendo em vista que é os/as mediadores continuam reduzindo a deficiência à questão do sentido, a segunda hipótese também foi corroborada; e, por fim, a terceira hipótese foi corroborado, ao passo que as percepções dos/as mediadores/as mudam depois do contato com as pessoas com deficiência visual – além de adquirirem conhecimento de como atuar com as pessoas com deficiência visual, passaram a se reconhecerem como pessoas tateantes, ouvintes, degustantes e olfativas.

Consideramos necessária uma qualificação de seus/as mediadores/as continuamente e uma multissensorialidade de seus produtos culturais em suas intervenções para quando se deparar com as pessoas com DV, e, como propõe Ballesterro-Álvarez (2002) e Camargo (2016), além dos/as estudantes cegos, a multissensorialidade é também produtiva e favorável para estudantes sem deficiência visual, ao passo que reforça e intensifica “o aprendizado em qualquer disciplina” (BALLESTERO-ÁLVAREZ, 2002, p.49), principalmente “o significado de seu aprendizado científico” (CAMARGO, 2016, p.33).

A partir do processo de pesquisa e dos resultados, nos questionamos sobre a formação social que estamos tendo acerca do trato com a normalidade. Porque se for verdade o que os/as mediadores/as disseram sobre não saber lidar com a pessoa com deficiência visual, é possível afirmar que elas também não sabem com pessoas surdas, pessoas com autismo, isto é, qualquer tipo de inovação que surja, não saberá. Existe um padrão de normalidade que é totalmente imaginária e que ocupa a nossa representação. É preciso que a formação se aproxime mais do ser humano real e não do imaginário.

Embora a normalidade seja distinta da realidade subjetiva dos seres humanos, uma vez que ela não faz sentido se for considerada a magnitude e a singularidade da vida humana, a cultura dominante corresponde a uma construção histórico-social. Considerando-se a incerteza e a incompletude das coisas relativas ao homem, a palavra “normalidade” se escoia, se embaralhando no dinamismo que não abraça nenhum padrão. Todos os indivíduos são distintos uns dos outros, incompletos, imperfeitos e assim se faz a diferenciação de cada pessoa no cotidiano com inúmeras “restrições impeditivas”.

Há uma estruturação social em função de um padrão socialmente concebido como normal. Assim, não é apenas o indivíduo com alguma deficiência, ou diferença em termos sensoriais, físicos, intelectuais e etc, que percebe incapacidades, limitações e desvantagens sociais. Por exemplo, nesta pesquisa de mestrado, há uma intersecção de características não majoritárias fora do padrão considerado normal: a deficiência visual e a velhice. Isso se acentuará na medida que a sociedade atual tem como um dos fundamentos o conceito de utilidade. Dessa maneira, esse sujeito forjado como normal é alguém que se constituirá temporalmente ou circunstancialmente. Percebe-se uma fragilidade no perceber social quanto à tal questão, uma vez que todos, ou uma maioria poderá assumir, em algum momento de sua existência, uma posição social não considerada padrão.

Estima-se que esta pesquisa participativa com a diversidade humana sirva para romper as barreiras atitudinais em todas as relações sociais – principalmente na difusão científica que é o foco desta pesquisa – eliminando os preconceitos e ideologias, possibilitando, assim, aos profissionais da educação identificarem a potencialidade de estudantes com deficiência, resultando na demanda de discussões e procedimentos que possibilitem recursos didáticos eficazes para o desenvolvimento educacional de estudantes com necessidades educativas específicas.

Admitir a diversidade da condição humana expressa que tudo que vem da probabilidade de ser e estar no mundo não há como se esculpir em modelos e rótulos lacrados iguais aos objetos. É preciso que os/as mediadores da Banca da Ciência (a sociedade) entendam que a dinâmica presente em cada singularidade pessoal está muito além dos condicionantes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Késia. P. de. *A luta pelo direito à cidadania na cidade de Uberlândia: movimento das pessoas com deficiência entre a legalidade e a legitimidade*. 2014. 170f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em História. Uberlândia, 2014.

BALLESTERO-ÁLVAREZ, J. A. *Multissensorialidade no ensino de desenho a cegos*. 2002. 121p. Dissertação (Mestrado em Artes). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, v.2,n. 1 (3), p. 68-80, jan./jul./2005.

BRASIL. *Lei 13.146, de 6 de julho de 2015*. Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. LBI. Estatuto da Pessoa com Deficiência. Diário Oficial da União - Seção 1 - 7/7/2015, Página 2.

BRANDÃO, Carlos R.; BORGES, Maristela C.A pesquisa participante: um momento da educação popular. *Rev. Ed. Popular*, Uberlândia, v. 6, p.51-62. jan./dez. 2007.

BRANDÃO, Carlos R. (Org.). *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

BRANDÃO, Helena. H. N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

BRASIL. *Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009*. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. Diário Oficial da União - Seção 1 - 26/8/2009, Página 3. 2009.

CAMARGO, Eder P. de. Inclusão, multissensorialidade, percepção e linguagem. In: CAMARGO, Eder P. de. (Org.). *Inclusão e necessidade especial: compreendendo identidade e diferença por meio de física e da deficiência visual*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2016.

DINIZ, Margeth. *Inclusão de pessoas com deficiência e/ou necessidades específicas: avanços e desafios*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

DISCHINGER, Marta; MACHADO, Rosângela. Desenvolvendo ações para criar espaços escolares acessíveis: inclusão. *Revista da Educação Especial*, v.1, n.1, p.33-39, jul//2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/revistainclusao2.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

FELCHER, Carla D.; FERREIRA, André L. A.; FOLMER, Vanderlei. Da pesquisa-ação à pesquisa participante: discussões a partir de uma investigação desenvolvida no Facebook. *Experiências em Ensino de Ciências*, v.12, n. 7, p.1-18, 2017.

FIGUEIRA, Emilio. *Caminhando em Silêncio: uma introdução à trajetória das pessoas com deficiência na história do Brasil*. São Paulo: Giz Editora, 2008.

FILHO, Vasco T.F.; VENTURA, Roberta U.; BRANDT, Carlos T.; SARTESCHI, Camila.; VENTURA, Marcelo C. Impacto do déficit visual na qualidade de vida em idosos usuários do sistema único de saúde vivendo no sertão de Pernambuco. *Arq. Bras. Oftalmol.*, v.75, n.3,p. 161-165, mai/jun. 2012.

FREIRE, Sergio. *Análise de Discurso - Procedimentos metodológicos*. Teresina: Instituto Census, 2014.

GARCEZ, Liliane. *Da construção de uma ambiência inclusiva no espaço escolar*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

GERGEN, K. J. O movimento do construcionismo social na psicologia moderna. *Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis*, v. 6, n. 1, p. 299-325, 2009.

GIROUX, Henry A. *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Tradução de Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GODOY, Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995.

GONDIM, Sônia M. G. Grupos focais como técnico de investigação qualitativa: desafios metodológicos. *Paidéia*, v.12, n.24, p.149-161, 2003.

LIMA, Francisco. J.; ARAÚJO, C. M. de; AZEVEDO, G. E. M.; GUEDES, L. C.; BRASILEIRO, A. K. *Inclusão da pessoa com deficiência no ambiente social de trabalho: sugestões para seleção e contratação*. Pernambuco: UFPE, 2004.

MASINI, Elcie. F. S. A experiência perceptiva é o solo do conhecimento de pessoas com e sem deficiências sensoriais. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 8, n. 1, p. 39-43, jan./jun. 2003.

MELLO, L. I. A.; COSTA, L. C. A. *História antiga e medieval*. São Paulo: Scipione, 1995.

ONU, Organização das Nações Unidas. Declaração da ONU. *Convenção internacional sobre os direitos das pessoas com Deficiências*. Brasília, 2006.

SASSAKI, Romeu. K. *Inclusão no Lazer e Turismo: Em Busca da Qualidade de Vida*. São Paulo: Áurea, 2003.

SCHWANDT, T. A. Três posturas epistemológicas para a investigação qualitativa - interpretativismo, hermenêutica e construcionismo social. In: DENZIN, N. K. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.



SPINK, M. J. P.; FREZZA R. M. Práticas discursivas e produção de sentidos: a perspectiva da psicologia social. In: SPINK, M. J. P. (org.). *Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano*– aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, 1999.

Recebido em 15/02/2019

Aprovado em 01/08/2019